

táxi e seguir o movimento
em *slow motion*.

agora move as nadadeiras
azuis, o cabelo escorrido pelo ombro,
e lembra do dia em que subiram pelo túnel.
Lá no alto, um lago de peixes coloridos.
teria dançado com ela
e seriam iguais os dias,
teriam dançado no escuro
de madrugada enquanto a voz
pelo alto-falante seria apenas
uma frequência de ondas
sem definir nenhum
som.

terremoto

um terremoto replicando
por vários dias,
à noite as luzes de néon paradas
e, na manhã seguinte,
a tremedeira outra vez.
você pensa que o futuro
ainda não chegou, mas
de repente o terremoto
replicando faz tremer a língua
os dentes e tudo o que é
matéria.

por mais que use as palmas
para cobrir os ouvidos,
a *terrura* — o que você quer dizer? —
aliás, a *tremura* chega
arrastando tudo.
era como um país virando mar
um terremoto replicando
sem parar se as réplicas consistem
em tremedeiras, e se uma língua é desenhada
fora das linhas,
como conciliar o
inconciliável?, pergunto
no momento de maior

desligamento e
ele responde:

— agora o seu *wasabi*
tem radioatividade.

essa cor brilhante,
de um verde quase prata,
era como a luz batendo no mar
bem na hora em que o chão —
e tudo recomeça.

quero pedir
silêncio, mas não sei lidar
com o imponderável.
um dia acordo
e não espero
mais resposta.

diferenças

*a realidade é o que não
desaparece quando
deixamos de acreditar nela,*
você dizia com os dedos abertos
tentando afastar aquela névoa dos
olhos.

ali podia quase tocar o real,
mas no fim não entendia o
que ele tentava dizer: seguiam
pelo rio tentando deixar
a linha de sombra do outro lado.
até hoje ao passar ali lembro do esforço
naquele dia para perceber o que estava
errado.

ele escrevia para contar que lá
tinham um *templo dedicado aos gatos*,
para contar que ela chorava
todas as tardes no mesmo horário,
para contar que largaria tudo
e cruzaria o oceano.

talvez essa já seja a terceira vez que
ele aparece. só lembro que antes
de ir embora,